



## A quebra do “paradigma da presença” através de um ecossistema digital em nuvem: novas textualidades jornalísticas com o projeto **Headline**<sup>1</sup>

Simone Mattos Guimarães Orlando <sup>2</sup>

Desde a pandemia de COVID-19 (2020-2022), houve uma evidente reconfiguração (abrupta e profunda) na nossa relação com diversos setores da vida social, com destaque para a seara do trabalho e da educação. Este processo foi impulsionado sobretudo pela adoção ostensiva de tecnologias de assistência remota. O que antes poderia ser uma tendência gradual tornou-se uma necessidade imediata, deixando um legado que continua a moldar o presente.

Neste período, por um lado, houve não apenas uma popularização do home office, mas uma redefinição da própria natureza do trabalho e da colaboração profissional. Para o território da educação, por sua vez, a pandemia acelerou a transição de um modelo educacional centrado na presença física para abordagens mais flexíveis e digitais.

E talvez a consequência mais imponente deste período tenha sido a chamada “**quebra do paradigma da presença**”. Autores atentos às mudanças produzidas pelo agigantamento da cultura digital, como Lévy (1999), Van Dijk (2015), Wodak (2015), e, posteriormente, Silva (2020) e Valente (2022), enfatizam como a comunicação mediada por tecnologias digitais transformou a interação, a autoridade e a presença, tanto no contexto educacional quanto profissional, consolidando novas formas de participação e engajamento, que não dependem mais da presença física contínua.

A "quebra do paradigma da presença" não implica, contudo, na eliminação da interação física, mas na ampliação das possibilidades de produzir sentido no contexto remoto/digital,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como painel no Eixo Temático 19 – Literacias de mídia e informação, do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Realização Faculdade Cásper Líbero, nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

<sup>2</sup> Doutora em Letras Vernáculas, jornalista, professora associada do curso de jornalismo da UFRRJ. Contato em: [simoneorlando@ufrrj.br](mailto:simoneorlando@ufrrj.br).

reconhecendo que a presença pode ser mediada por tecnologias sem comprometer de todo a qualidade do que se estabelece nas interações.

É claro que há um contraponto nesta discussão. Para Dreyfus (2009), na emblemática obra “On the Internet”, por exemplo, a telepresença, por ser desencarnada, jamais poderá replicar a riqueza da interação face a face, que envolve o risco, a vulnerabilidade e o engajamento do corpo físico. Ele defende que a aprendizagem e o compromisso genuínos dependem dessa corporificação, algo que a mediação digital, por mais avançada que seja, aplanava e distancia. Já Sherry Turkle (2017) aponta para o paradoxo de uma geração hiperconectada que experimenta profundos sentimentos de solidão.

Ressalvados os riscos iminentes e irrevogáveis por trás da comunicação remota e digital, fato é que, no mundo do trabalho, a ideia de que o “agir produtivo” só acontece dentro de um escritório foi desmistificada e não temos mais como retroceder a esta constatação. A produtividade passou a ser medida, em diversos contextos, por entregas e resultados, e não por horas cumpridas, pelos corpos presentes em um determinado lugar. Isso abriu portas para o trabalho assíncrono, no qual equipes colaboram em horários flexíveis.

No campo da educação formal, a necessidade de continuidade das atividades acadêmicas sem o encontro físico provocou uma reconfiguração profunda nas práticas pedagógicas, rompendo os limites espaciais e temporais da aprendizagem tradicional. Nesse novo cenário, a mediação tecnológica assumiu papel central na construção do conhecimento, exigindo do professor uma atuação mais flexível, multimodal e interativa. Como destacam Schlemmer, Bersch e Fajardo Cano (2020), o ensino híbrido e a cultura digital instauraram uma nova ecologia educacional, em que a presença passou a ser compreendida não apenas como coexistência física, mas como engajamento cognitivo, emocional e comunicacional entre sujeitos conectados em múltiplas dimensões.

Foi exatamente na esteira dessas mudanças que desenvolvemos, no retorno pandêmico, a partir de julho de 2022, um projeto de escrita coletiva remota, inicialmente numa disciplina presencial (Jornalismo Hiperídia), e, depois, em atividades acadêmicas, disciplinas de laboratórios, optativas, estágio profissional supervisionado (componente curricular obrigatório) e ações de estagiários voluntários. A iniciativa já rendeu muitos frutos e continua situando, mutuamente, professores e alunos, na prática do ensinar-aprender por projetos.

Nosso objeto de reflexão e descrição, portanto, neste artigo, é o *modus operandi* do projeto de jornalismo digital "Headline", a partir do que conceituamos aqui como **"ecossistema digital em nuvem"**. Pretendemos, assim, analisar como este ecossistema, ao se basear na apropriação de tecnologias cotidianas, converte-se em um potente dispositivo para a construção de textualidades jornalísticas (verbais e não-verbais) e para a formação de sujeitos multiletrados, em perspectiva profissional.

Propomos o conceito de "ecossistema digital" como um sistema complexo e adaptativo, no qual diferentes plataformas, ferramentas e práticas sociais interagem de forma interdependente. Tal concepção dialoga diretamente com a noção de "ecossistemas comunicacionais", que, segundo André Lemos (2009), caracterizam a cibercultura pela conectividade generalizada e pela reconfiguração das práticas sociais a partir da liberação do polo de emissão. Dentro desses ambientes, como aponta Lúcia Santaella (2004), emerge um novo tipo de cognição, mais imersiva e multitarefa, que os modelos educacionais centralizadores raramente contemplam. No nosso caso, elaboramos a construção de um ecossistema próprio a partir de ferramentas genéricas, fomentando uma "cultura da participação" (Jenkins, 2008), capaz de propor uma forma de (re) existência digital e pedagógica.

O "Headline" é um projeto de extensão do curso de Jornalismo da UFRRJ, que funciona como uma redação-laboratório digital e articula um conjunto de ferramentas de computação em nuvem para funcionar como uma 'sala de aula' descentralizada. Criado em 2022, representa-se em dois canais diferentes: (1) uma página do Instagram (com mais de 3.000 textos jornalísticos

publicados), e (2) uma página crossmídia ao canal no Medium (com cerca de 45 reportagens e artigos)<sup>3</sup>. Em ambos os espaços, todas as textualidades foram produzidas, de modo horizontalizado, por mais de 200 estudantes da graduação de jornalismo que passaram e passam ainda pelo projeto.

A proposta central da redação virtual foi criar um espaço amigável, intuitivo e de rápida veiculação, para a prática de curadoria de notícias do tipo hard news (simulando uma redação dos grandes veículos de imprensa diários). Com o crescimento do projeto, editorias especializadas (saúde, turismo, diversidade, questões raciais, esporte, economia, política, ciência, educação, meio ambiente, moda, cultura, comportamento, crítica literária, análise musical, etc.) foram adicionadas, bem como um rol de colunas opinativas, produzidas pelos próprios estudantes.

Muitos temas foram tratados ao longo desse período. Realizamos, por exemplo, uma cobertura ampla e diária da Copa do Mundo de 2022 no Catar, acompanhamos com rigor jornalístico as eleições presidenciais no Brasil, em novembro do mesmo ano, noticiamos todas as principais movimentações no Congresso Nacional e os mais relevantes acontecimentos internacionais. Além disso, publicamos mais de 500 matérias (entre notícias, análises, web stories e reportagens) sobre a fatídica Guerra Israel-Gaza, de outubro de 2023 a outubro de 2025. Também por meio do gênero perfil-obituário, registramos a morte de diversas personalidades públicas relevantes, tanto do cenário nacional quanto internacional, mantendo o compromisso com a atualização constante e o olhar humano sobre os fatos.

A redação do headline sempre funcionou de modo totalmente remoto, tendo em média de 35 a 50 alunos envolvidos em sua produção semestralmente. Alicerça-se na conexão pelos dispositivos pessoais dos estudantes (mobile e desktop) e no seguinte tripé de ferramentas em nuvem gratuitas: (1) grupo do whatsapp coletivo da redação e dos editores-estagiários; (2) arquivo

---

<sup>3</sup> Ver em: <https://www.instagram.com/headline.ufrrj/> e <https://medium.com/@headlineufrrj>.

semanal do google docs para escrita coletiva e (3) página do programa Canva, com modelos e protótipos de arte para reprodução e posterior veiculação.

O WhatsApp tem atuado como centro organizador da redação, reunindo as rotinas produtivas e mantendo a comunicação constante entre os participantes, o que fortalece a coesão e o sentimento de pertencimento do grupo. Já o Google Docs funciona como espaço de escrita colaborativa, permitindo a atuação simultânea e formativa entre repórteres, editores e professores. E, por fim, o Canva é utilizado para a criação conjunta de peças gráficas, garantindo unidade visual e o desenvolvimento de habilidades em design e comunicação. A taxonomia deste ecossistema particular, portanto, se define por três nichos funcionais interdependentes: a interação síncrona (whatsapp), a produção colaborativa (google docs) e a tradução visual (canva.com). A sinergia entre estas três ferramentas cria uma "redação em nuvem" que se configura como uma 'sala de aula' fluida, orgânica e centrada no estudante.

Entendemos, por fim, que esta abordagem revela-se relevante por trazer um modelo prático e replicável, evidenciado pela escala e longevidade do projeto, o que comprova a viabilidade de um modelo de baixo custo e alto impacto. A análise teórico-descritiva deste modelo revela, igualmente, a participação discente fomentada em todas as etapas do processo, transformando os alunos de receptores passivos em produtores ativos e escritores tecnicamente preparados. Esta pedagogia do fazer, ao se apropriar de tecnologias acessíveis, não apenas ensina jornalismo digital, mas materializa uma prática decolonial na educação, fomentando a autonomia, a colaboração e a construção de um saber coletivo.

**Palavras-chave:** Ecossistemas Digitais; Protagonismo Discente; Redação em Nuvem; Literacias de Mídia; Jornalismo Digital.

## Referências

DREYFUS, H. L. **On the Internet**. 2. ed. London: Routledge, 2009.

LEMOS, André. Cultura da mobilidade. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (E-compós)**, v. 12, n. 2, maio/ago. 2009.

ROCHA, Ricardo; VIEIRA, Cristina; TAVARES, Manuela; GUERRA SANTOS, Isabel. Da performance digital à ciberperformance: transformação, transposição e inovação. **Rotura – Revista de Comunicação, Cultura e Artes**, v. 3, n. 1, p. 12-27, 2023.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHLEMMER, Eliane; BERSCH, Maria Elisabete; FAJARDO CANO, Andrés Julian. Prática pedagógica e a aula universitária: contextos emergentes na cultura híbrida e multimodal. In: CUNHA, Maria Isabel da; RIBEIRO, Gabriela Machado (Orgs.). **Práticas pedagógicas na educação superior: desafios dos contextos emergentes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020. p. 143-160.

SILVA, Regina. Ruptura de paradigma na educação com a pandemia de COVID-19. **Anais do Congresso Brasileiro de Educação a Distância (ABED)**, 2020.

TURKLE, Sherry. **Sozinhos juntos: por que esperamos mais da tecnologia e menos uns dos outros**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

VALENTE, José Armando. Tecnologias digitais, tendências atuais e o futuro da educação. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 14, n. 2, 2022.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discourse and power**. Houndsmills: Palgrave Macmillan, 2015.



XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero. De 11 a 13 de novembro de 2025.



WODAK, Ruth; MEYER, Michael (Eds.). **Methods of Critical Discourse Studies**. 3. ed. London: SAGE Publications, 2015.